

Renato Luiz Sobral Anelli

Arquiteto, professor titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU-USP, diretor do Instituto Bardi, Avenida Trabalhador São-Carlense, 400, Centro, CEP 13560-970, São Carlos, SP, (16) 3373-9287, reanelli@sc.usp.br

Celebra-se os 100 anos apenas daqueles arquitetos que são lembrados. Os motivos da permanência são escrutinados durante a celebração, através de reflexões e debates registrados em textos, vídeos, exposições, etc. O centenário de um arquiteto constitui um momento especial de balanço de sua trajetória e sua contribuição para a história. Nesse sentido, o núcleo temático de Lina Bo Bardi publica alguns estudos sobre o percurso da arquiteta, uma resenha da sua biografia lançada recentemente e um texto de sua autoria, inédito no Brasil.

Os textos trazem novas abordagens sobre períodos e aspectos da trajetória da arquiteta, formando um conjunto que, temos certeza, contribuirá para a historiografia sobre Lina. Dedicada ao período italiano, Sarah Catalano apresenta novas informações sobre a atuação projetual de Lina Bo Bardi e seu parceiro Carlo Pagani em Milão. A partir de dois projetos publicados na revista *Lo Stile* em 1942, retoma a inserção da dupla de arquitetos no contexto do fascismo e da guerra, revelando que sua prática nesses anos não se resumia aos trabalhos como ilustradora e editora. André Alves reflete sobre a interação da arquiteta com os projetos nacionais em curso no Brasil durante os 46 anos de sua atuação no país. Identifica as transformações de suas concepções do papel da cultura, da arquitetura e do design em uma estreita relação com a dinâmica da história política brasileira.

O artigo sobre a pequena igreja de Uberlândia consolida na trajetória de Lina Bo Bardi a importância dessa obra pouco conhecida. Através de ricas entrevistas, as autoras Monteiro Silva e Teixeira resgatam o vínculo com a comunidade de fiéis, responsáveis pelas decisões e construção da obra, confirmando tratar-se de um importante momento de ensaio da

sua concepção para uma nova postura da atuação do arquiteto, menos genial e mais interativa, conforme Lina defendia em seus escritos e depoimentos na década de 1970. Zeuler Lima, autor da mais completa biografia da arquiteta, apresenta um artigo dedicado aos seus modos de expor, situando sua contribuição à expografia contemporânea, tema que alimentou extensa polêmica desde a remoção dos suportes transparentes do Masp em 1996. Por sua vez, a biografia elaborada por Lima recebeu uma atenta resenha de Carlos Eduardo Comas, que destaca suas importantes contribuições para o entendimento da relação entre sua vida e obra.

O artigo de Bierrembach e Rossetti dedica-se ao estado do legado da arquiteta na cidade de Salvador. Rico de documentação fotográfica recente das obras, realizada pelos próprios autores no ano do centenário, o artigo alerta para os desafios para sua preservação.

Seguindo a estrutura dos núcleos temáticos da Risco, aproveitamos a ocasião para apresentar a tradução de um artigo publicado apenas pela revista italiana dirigida por Bruno Zevi, *L'architettura* (nº 210, abril de 1973). Nesse texto escrito à distância de dez anos de sua exposição Nordeste, realizada no Museu de Arte Moderna da Bahia, Lina acompanha as fotos e desenhos do Masp para expressar claramente suas ideias políticas, sem medo da censura da ditadura que vigorava no Brasil.

“Não existem homens absolutamente incultos, a linguagem do povo não é sua pronúncia errada, mas sua maneira de construir o pensamento.”

Consolidava assim sua experiência em Salvador e apontava seu alinhamento teórico e político

com a nova orientação que emergiria no Brasil naqueles anos. Ao querer entender a inteligência do povo, forjada na luta pela sobrevivência, Lina traria subsídios para uma obra de arquitetura que se distanciaria das linhas principais da arquitetura moderna brasileira. Longe de ser uma entidade abstrata, o povo era uma realidade composta por pessoas simples, com quem a arquiteta procurava interagir concretamente para dali tirar algo em comum. Nos anos seguintes ela foi relativamente bem sucedida, sendo acolhida pela comunidade da Igreja do Espírito Santo do Cerrado em Uberlândia, e pelos operários da obra do SESC Pompéia, sua obra mais marcante desse período. Projetos que

se tornariam referência para novos arquitetos que atuavam junto a mutirões nas periferias urbanas durante os anos finais da ditadura.

O texto vale como um manifesto publicado no exílio, um manifesto que não atingiu os leitores brasileiros, que melhor entenderiam sua importância. Sua leitura hoje complementa o quadro de revisão de suas posições políticas e arquitetônicas naquela década, já esboçado em Planejamento Ambiental “desenho” no impasse (in Malasartes, nº 2, 1976) e Arquitetura e tecnologia (Arquitetura e Desenvolvimento Nacional. Depoimentos de arquitetos paulistas, São Paulo: IAB/Pini, 1979).